

Não deixar de realçar, nesta oportunidade, ser ele membro da Loja Simbólica Ignácio Lôlo, nº 22, da MR.: Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará, tendo empunhado o Malhete como seu Venerável Mestre.

Muita coisa teria que ser dita sobre o novo membro deste Sodalício. Quero crer, todavia, que o essencial para que se possa fazer a idéia da personalidade do mesmo, tenha sido registrado. De modo marcante ele surge no estudo dos Problemas Brasileiros e, como Mestre insígne, pelos estudos iterativos das questões atinentes à matéria, é sempre solicitado toda a vez que se precisa de um doutor no assunto.

Professor José Cláudio de Oliveira:

Sei que não estive à altura de vossos méritos nas palavras com que vos abri as portas desta Casa. Perdoai se não interpretei a vossa obra de jornalista, de político, de professor e de historiador.

O Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), com os seus mais de cem anos de vida cultural recebe, com a maior satisfação, o vosso ingresso.

Em nome do mesmo, afetivamente, receba o nosso abraço. Tome conta de vossa cadeira e nos dê o que nos promete a vossa cultura e a vossa disposição para o trabalho.

(Discurso pronunciado na sessão de 25 de outubro de 1995, no Auditório do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

2. Compromisso

JOSÉ CLÁUDIO DE OLIVEIRA

"Nulum officium referenda gratia magis necessarium est." Esta é uma máxima de Cícero que significa: Nenhum dever é mais importante do que a gratidão.

Sejam as minhas primeiras palavras de agradecimento, em primeiro lugar, ao saudoso general dr. Carlos Studart Filho que, em 1968, conferiu-me o título de Sócio Honorário deste vetusto sodalício, agora completando 107 anos de profícua existência como baluarte da cultura cearense, através da pesquisa histórica, geográfica e antropológica. Neste momento solene, apraz-me agradecer aos excelentíssimos senhores General de Exército Tácito

Theophilo Gaspar de Oliveira, presidente – pela segunda vez – deste Instituto; ao Dr. Paulo Ayrton Araújo, vice-presidente, engenheiro e coronel-professor, ex-Secretário de Educação do Estado; ao Dr. Marcelo Caracas Linhares, até poucos instantes o mais novo sócio desta Casa do Barão de Studart, ex-Secretário de Planejamento do Estado, deputado federal em quatro legislaturas, escritor, pesquisador, Mestre maçom, intelectual de minha geração e ao Reitor Magnífico e Magnífico Reitor Senhor Doutor Antônio Martins Filho, presidente de honra do Instituto e a mais alta expressão da vida universitária e cultural do Ceará, pela indicação dos três primeiros e o apoio entusiástico deste, do meu modesto nome. eleito para a vaga do saudoso amigo, o Dr. Cláudio Martins, recentemente em viagem de retorno ao Oriente Eterno onde continua a viver, já consciente, em outra dimensão, no umbral superior, como espírito eleito, deslumbrado com as verdadeiras belezas da paisagem e da confraternização entre os espíritos desencarnados, irmãos em Cristo Jesus, nosso condutor à glória de Deus.

Tenho pelo general Tácito Theophilo uma admiração muito profunda, por bem conhecer o seu caráter sem jaça, desde os tempos em que ele, coronel, foi presidente do Círculo Militar de Fortaleza e eu, do inesquecível Comercial Clube, derrubado pela fúria da especulação imobiliária – quando fomos companheiros do Conselho Superior Interclubes, do qual sou hoje o seu decano e na qualidade de seu colega, no Curso Superior da Escola Superior de Guerra, indicados que fomos pelo então presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, estadista que está fazendo falta, no ano letivo de 1966. Naquele instituto de alto nível de estudo de problemas brasileiros, tive a oportunidade de admirar mais o general Tácito, pelo seu elevado senso profissional, por sua cultura humanística e pela defesa intransigente do Ceará e do Nordeste que atravessava intenso ano de “seca braba”, como diz o homem do sertão. Juntando-se a nós, na defesa da Região, alegra-me a lembrança do coronel Luiz Ábner de Souza Moreira e do almirante José Uzeda de Oliveira, o 44 do Colégio Militar do Ceará, colega do Dr. Ary Gadelha de Alencar Araripe e o meu amigo-irmão Ernesto Mourão Sá, vice-almirante e um dos chefes mais estimados da gloriosa Marinha de Guerra, no dizer do almirante Henrique Sabóia. Mourão foi o Capitão dos Portos que fez construir o novo farol do Mucuripe, na Praia do Futuro. Foi um ano de intenso labor diário no trato das questões nacionais e da estratégia de planejamento da Administração Federal e da Segurança Nacional.

O Ceará era governado pelo Professor Plácido Aderaldo Castelo, membro ilustre deste Instituto que se debatia com a falta de ver-

bas orçamentárias, exauridas pelo correto pagamento, em dia, das dívidas de exercícios anteriores, tendo como seu grande colaborador e estrategista, na Secretaria de Planejamento, o jovem advogado Marcelo Caracas Linhares – sem o auxílio a fundo perdido – como hoje é comum. Mesmo assim, deu continuidade à interiorização do desenvolvimento, abrindo estradas, escolas, postos de saúde e levando energia e linhas telefônicas aos mais longínquos rincões do Estado.

No planejamento da energia para os adustos sertões do Ceará, teve atuação destacada o jovem engenheiro Paulo Ayrton Araújo, coronel do Exército, ao lado de Alberto Silva que depois governaria, por duas vezes o seu estado do Piauí e o jovem advogado Waldir Xavier, presidente da CENORTE, absorvida pela COELCE.

Nesta preliminar de agradecimento exalto o apoio decidido e entusiástico do Reitor Martins Filho que há muito desejava ver-me entre os pares destes sodalício e dos colegas Vladir Ponte Menezes e Caio Lóssio Botelho, destacados professores e membros desta pleiade de pesquisadores da memória cearense. Agradeço, por último, aos meus saudosos e inesquecíveis pais Luiz Cláudio de Oliveira e Maria Lopes de Oliveira, a Américo Lopes de Oliveira, que me proporcionaram instrução e educação e me criaram com carinho e amor e a constante solidariedade da minha mulher Yolanda, da minha filha Ana Cláudia e dos meus estimados familiares aqui presentes, Ruth e o Cel. Rômulo de Oliveira Maciel, Aurila Pombo, Maria Adélia e Ana Alzira Passos.

Senhoras e Senhores:

Assumo a grave responsabilidade de sentar-me na cadeira antes ocupada pelo estimado e saudoso amigo Dr. Cláudio Martins – lembrando-me, com a presença de sua esposa, a exma. Senhora Dona Irene Martins – e antes tendo como titular outro saudoso amigo e colega, José Denizard Macedo de Alcântara.

Cláudio Martins – a exemplo dos seus irmãos Martins D'Alvarez, Antônio Martins Filho e Fran Martins – este primeiro também habitando os páramos celestes, viveu intensamente, destacando-se na sociedade por um labor constante e uma febricitante atividade, principalmente no Rotary Internacional, como figura de primeiro relevo no Distrito 4490, de que foi Governador exemplar. O seu ilustre irmão aqui presente, Reitor Martins Filho, plantou universidades. Cláudio Martins fundou diversos clubes rotários, dentre os quais o segundo do Ceará, em 1955, o Rotary-Oeste que completará, a 15 de

novembro, 40 anos sendo, hoje, o maior do Distrito. Cláudio Martins dinamizou de maneira expressiva os diversos clubes de Rotary, notadamente o seu, Rotary Clube de Fortaleza, com 61 anos de afanosa existência, tendo sido seu presidente. O seu nome transpôs as fronteiras nacionais, sendo galardoado com várias comendas internacionais, entre elas a de "fellow" Paul Harris. O seu nome é pronunciado entre nós rotarianos, com muito respeito, vibração e saudade. Grande foi a sua obra de confraternização social, pugnando sempre por elevadas causas como a da "PÓLIO-PLUS" vitoriosa campanha que extinguiu no território nacional a poliomielite e tem combatido doenças endêmicas, como o sarampo, a meningite e a AIDS, com grandes financiamentos anuais da FUNDAÇÃO ROTÁRIA. Aos governos da União, Estados e Municípios tem cabido apenas e já é o suficiente, o apoio logístico. A poliomielite já foi extinta no continente americano, no Japão e grande parte da Europa, estando sendo combatida em áreas da Ásia, África, Oceania e Austrália. Na China, em agosto do ano passado, foram vacinadas, em um só dia, mais de 200 milhões de crianças. Eu falei 200 milhões de crianças, numa população de 1 bilhão e duzentos milhões de habitantes. O Rotary encontra-se em atividade em todo o mundo. São 26 mil clubes e 1 milhão e 100 mil rotarianos cumprindo e executando a filosofia de bem servir ao próximo e Cláudio Martins foi um dos seus generais na linha de frente.

Cláudio Martins nasceu a 10 de maio de 1910, em Barbalha, "cidade dos verdes canaviais farfalhantes", no dizer do Senador Wilson Gonçalves, para deleitar Edimar Norões, filho ilustre da bela e esplendorosa planície. Estudou as primeiras letras, sob as vistas de seus pais Antônio Martins de Jesus e Antônio Leite Martins, tendo emigrado para o Crato, onde matriculou-se no Ginásio dirigido pelo padre Francisco de Assis Pita. De lá veio para Fortaleza, estudando no Colégio São João, de César Campelo. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela egrégia Faculdade de Direito do Ceará, em 1937 e obteve o grau de Doutor em Ciências Econômicas pela Faculdade do mesmo nome da UFC, onde foi Docente-livre e ministrou, como Professor Titular, Direito Tributário, Finanças Públicas e Orçamento por Programa. Foi Professor de Direito Notarial da Faculdade de Direito da UFC; Secretário de Estado dos Negócios do Governo e Administração no governo Flávio Marcílio; em 1957, Secretário de Educação e Saúde no mesmo governo e Secretário da Fazenda no governo Plácido Castelo. Presidente do Conselho Estadual de Educação por mais de dez anos; Presidente da Câmara de Ensino Superior; Presidente da Câmara de Legislação e Normas;

membro da Comissão de Desenvolvimento da Comunidade de Fortaleza; Superintendente da Fundação Raul Barbosa. Presidente por mais de dez anos da Academia Cearense de Letras; membro da Academia Cearense de Letras Jurídicas; da Associação Brasileira de Direito Financeiro; da International Fiscal Association; da Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Ceará; e sócio correspondente da Academia Sergipana de Letras; e da Academia Paraense de Letras. Tinha várias condecorações, destacando-se as medalhas Paul Harrys, da Abolição, Thomaz Pompeu, José de Alencar, Clóvis Beviláqua e Barão de Studart. Foi Cidadão de Fortaleza por lei outorgada pela Câmara Municipal desta cidade.

Cláudio Martins fez publicar muitas obras de sua lavra. Sua bibliografia foi grande. Destacamos: *Poemas* (1962); *30 Poemas para Ajudar* (1969); *Viagem no Arco-Íris* (1974); *Metamorfose* (1977); *Sonetos e Trovas* (1981); *Rimas Presas* (1986); *Rimas ao Acaso* (1988); *Vai-vém* (1991); *Reincidência: de Baudelaire a Petrarca* (1991); *Riqueza Espiritual* (1993) e *Variações Literárias* (1993). Algumas de parceria com Antônio Girão Barroso, Otacílio Colares e José Milton Dias.

No campo didático, como bom professor que foi, revelou-se nas obras *Elementos de Finanças e Legislação Fiscal* (1942); *Fazenda Nacional* (1942); *Normas Gerais de Direito Tributário* três edições pela Forense – (1968); *Introdução ao Estudo das Finanças Públicas* (1970); *O Contribuinte Substituto na Legislação Fiscal Brasileira* (1970); *Curso de Orçamento por Programa* (1972); *Direito Notarial* (1974); *Compêndio de Finanças Públicas* (1976), por mim adotado na Academia de Polícia Militar General Edgard Facó, no seu Curso de Formação de Oficiais, *Função Pública e Fé Notarial* (1974), quando apresentou e fez uma conferência para os acadêmicos da Universidade de Fortaleza, durante um dos Simpósios de Estudo de Problemas Brasileiros, atendendo a um meu convite; *Teoria e Prática dos Atos Notariais* (1979) e *O Problema Educacional Brasileiro* (1973).

Homem de muitas atividades, o Dr. Cláudio Martins – a exemplo dos seus ilustres irmãos, notadamente o Professor Martins Filho não parava. Na sociedade, como presidente e diretor de clubes sociais, no Rotary como seu líder maior, na vida profissional de Tabelião Público e de Professor Universitário, presidente-imortal da Academia Cearense de Letras, na literatura como prosador e poeta e nas letras jurídicas, deixou-nos um acervo elogiável e demonstrativo de seu dinamismo e de sua vasta cultura.

Não poderia deixar de apresentar algumas produções poéticas, para deleite deste seleta auditório. Teoberto Landim comenta:

“Reincidência, de Cláudio Martins, não é mais um livro de sonetos. É a coletânea de uma produção já anteriormente publicada e outra até então inédita. O título, *Reincidência, de Baudelaire a Petrarca*, aponta para uma intenção nítida do poeta: a passagem de um processo para outro, a retomada da estrutura clássica do soneto sem nenhum preconceito com a época e seu ecletismo estético.”

O livro está dividido em duas partes: “Rimas de Ontem” e “Rimas de Hoje”, além de um prólogo onde a apresentação do poeta, por ele mesmo, encontra ressonância dando surgimento a temas que perpassam toda a obra. Iniciando o prólogo, apresentamos o soneto *IDENTIDADE*:

Cláudio Martins, maior, filho de Antônio
e de Antônia Martins, já falecidos,
eles e eu no Cariri nascidos,
marcados por minguado patrimônio.

Havendo contraído matrimônio
com dona Irene Dias, anos idos
(mais de quarenta e sete, bem vividos!)
Declaro e juro por Santo Antônio

que tudo está difícil: vida cara,
muito pouca vergonha, pouca e rara,
e o mundo, dia a dia, decaindo...

Possivelmente o fim está chegando,
mas enquanto não chega, vou tentando
não incidir em exercício **findo**.

A seguir, oferece uma **Declaração de Amor**, para Martins Filho, seu adorado irmão, ainda hoje em plena atividade, como emérito Diretor de Cultura da UFC, produzindo, numa faina intensa e exemplar, indiferente à sua idade cronológica, espargindo luzes e exuberância de espírito jovem e altaneiro e cheio de otimismo e fé no futuro.

Tantos cantaram tanto minha terra
que tentar imitá-los não me atrevo.
Posto me sobreexceda o meu enlevo,
a idéia refoge, a pena emperra.

Toda a ternura que o meu peito encerra
esvai-se e compreendo que não devo
decantar em linguagem sem relevo
aquele meu querido pé-de-serra.

Mas registro teu nome, velho Crato!
E digo uma vez mais: por ti eu mato
ou morro se morrer for necessário.

Tuas ruas perdidas me legaram
o que fui, o que sou e me ensinaram
a transformar em céu, duro calvário.

(Ano da Urca, 7 de março de 1987)

Em *Sondagem Espiritual*, Cláudio Martins define a sua sensibilidade como espírito encarnado, cheio de sentimentos puros e cristãos:

Nasci cristão, profundamente crente
e minha fé sempre serviu de esteio
nas sedutoras tentações do meio
no qual consolidei meu consciente.

Tornei-me pecador impenitente,
mas creio muito mais do que descreio,
como bem o atesta meu receio
de proceder pecaminosamente.

Isto nada obstante, minha vida
faz-se vaivém, uma enganosa lida
a me arrastar pelos desvãos da sorte.

Queira Deus prevaleça o bom começo
a conduzir meus passos sem empeco
e me seja a Verdade rumo e norte.

Senhoras e Senhores:

Quem somos nós? O que é espiritualidade? O que significa estar vivo? Há alguns anos vem se ampliando o interesse das pessoas por uma vida mais espiritualizada. Não estou falando de uma religião ou de teologia, no seu sentido estrito, mas de uma consciência, uma conexão com a realidade divina.

James Redfield publicou “A Profecia Celestina”. Uma aventura da Nova Era em que analisa um antigo manuscrito datado de

600 anos antes de Cristo, encontrado nas florestas do Peru, revelando segredos que estão mudando o nosso mundo. São nove visões que cada homem e mulher vão alcançar, sucessivamente na medida em que atingirmos uma verdadeira cultura espiritual na Terra. Profecia Celestina é uma parábola repleta de verdades fundamentais. Ela vão lhes trazer esperança e muitas surpresas. São obras como esta que iluminam nossa compreensão do futuro, ajudando-nos a compreender o salto que o homem se prepara para dar, quando chegar o próximo milênio e compartilhar uma *Mensagem Universal de Amor*.